

DA GUERRA CONTRA O TERROR À CRISE ECONÔMICA INTERNACIONAL: PERSPECTIVAS PARA A DEFESA BRASILEIRA EM UM CENÁRIO DE TRANSIÇÃO NOS GASTOS MILITARES MUNDIAIS*

Edison Benedito da Silva Filho**
Rodrigo Fracalossi de Moraes**

RESUMO

O artigo analisa possíveis tendências, até o ano de 2016, dos gastos militares dos cinco principais países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). São abordados os efeitos da crise internacional iniciada em 2008 em termos de redução dos gastos em países da Otan, assim como as oportunidades que surgem neste cenário para os BRIC, em especial para o Brasil. Argumenta-se que, em função da trajetória de queda nos gastos em defesa dos países da Otan analisados, a trajetória ascendente dos gastos dos BRIC representa oportunidade de redução do hiato de suas capacidades militares em relação a países da aliança transatlântica. Isto ocorreria tanto diretamente, em função da queda nos gastos, como indiretamente, tendo em vista que tal diminuição atuará como pressão para que empresas destes países da Otan exportem mais, aumentando o poder de barganha dos compradores emergentes.

Palavras-chave: gastos militares; crise econômica internacional; BRIC; Otan; hiato de poder militar.

ABSTRACTⁱ

The article analyses possible tendencies, until 2016, on the military expenditures of the five main countries of North Atlantic Treaty Organization (Nato) and of the BRIC. We discuss the effects of the international economic crisis, which began in 2008, in terms of decline in Nato countries expenditures, as well as opportunities emerging for the BRIC, especially for Brazil, in such a context. We argue that, as a result of the decline trend in military expenditures of the analyzed Nato countries, the tendency of growing expenditures in BRIC countries represents an opportunity for reducing the gap in their military capacities when compared to members of the transatlantic alliance. This would occur both directly, due to the decline on expenditures, and indirectly, bearing in mind that such decline would serve as a pressure for companies in these Nato countries to enhance exports, thus increasing the bargaining power of emerging buyers.

Keywords: military expenditures; international economic crisis; BRIC; Nato; military power gap.

JEL: H56.

* Os autores agradecem os comentários e sugestões do Coronel Wilson Tomaz, do Ministério da Defesa. Eventuais equívocos são de responsabilidade exclusiva dos autores.

** Técnicos de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

i. As versões em língua inglesa das sinopses desta coleção não são objeto de revisão pelo Editorial do Ipea.
The versions in English of the abstracts of this series have not been edited by Ipea's publishing department.

1 INTRODUÇÃO

A queda do Muro de Berlim em 1989, seguida do colapso do bloco soviético, marcou o início de uma nova era que parecia finalmente indicar a possibilidade de uma paz duradoura entre as nações. Recursos antes dispensados ao desenvolvimento, à aquisição e à manutenção de sofisticados armamentos convencionais e armas de destruição em massa poderiam ser redirecionados para outras finalidades, como políticas voltadas à promoção do bem-estar, ao desenvolvimento de novas tecnologias e à sustentabilidade ambiental. Finalmente, parecia haver chegado o momento de a humanidade receber os chamados dividendos da paz (*peace dividends*), conforme termo popularizado no início dos anos 1990 por George H. W. Bush e Margaret Thatcher.

Contudo, observando-se em perspectiva o período de vinte anos que se seguiu ao fim da Guerra Fria, conclui-se que a expectativa de uma “paz democrática” entre as nações e de uma consequente redução permanente dos dispêndios direcionados às atividades de defesa foi, em grande medida, frustrada. Nos anos 1990, houve redução substancial nos dispêndios militares no mundo, liderada, sobretudo, pelos países desenvolvidos e pela Rússia. Não obstante, a década seguinte foi marcada pelas consequências dos ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, acelerando a tendência de aumento dos gastos que já se observava desde 1999 em alguns países.

A partir de 2008, entretanto, com a crise econômica internacional, países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) passaram a restringir seus gastos e pretendem manter esta tendência até o final da presente década, como é o caso dos Estados Unidos, da França, do Reino Unido, da Alemanha e da Itália, que possuem os cinco maiores orçamentos de defesa da organização. Tal tendência aponta para um novo ciclo de contenção de gastos nestes países, baseado tanto na percepção de que a atual crise econômica implicará restrição considerável à sua capacidade fiscal quanto na expectativa de arrefecimento dos conflitos armados que atualmente envolvem estes integrantes da Otan.

Em função da perspectiva de manutenção do crescimento dos gastos de grandes países emergentes e do recuo nos dispêndios militares de países da Otan, há uma “janela de oportunidade” para que aqueles: *i*) reduzam o hiato de poder militar em relação a integrantes da aliança transatlântica (ou o ampliem, caso seu poderio militar já os tenha ultrapassado); e/ou *ii*) realizem programas de modernização militar com maior economia de recursos e acesso facilitado a tecnologias, tendo em vista a diminuição nas compras internas em países da Otan e a consequente pressão pela realização de negócios externos, aumentando o poder de barganha de possíveis compradores de produtos/tecnologias.

O Brasil, em particular, se situa entre as potências emergentes que ambicionam expandir sua capacidade militar nas próximas décadas. Documentos oficiais da área de defesa nacional salientam a necessidade de construção de um poderio militar consistente com a capacidade econômica, a extensão territorial e a demografia do país, bem como o objetivo de assegurar e ampliar o papel de liderança regional exercido no seu entorno estratégico (Brasil, 2012a, 2012b, 2012c). Há um reconhecimento explícito nesses documentos de que a atual estrutura de defesa não atende às necessidades impostas pela Constituição Federal, tampouco possibilita ao país almejar uma participação mais significativa no cenário político internacional.

É, pois, uma prioridade dos formuladores de políticas de defesa no Brasil buscar novas estratégias para o aprimoramento dos meios das Forças Armadas e o fortalecimento da base industrial de defesa do país. Nesse sentido, o Brasil encontra no cenário externo um ambiente favorável à realização de acordos internacionais

para a compra de produtos e serviços militares do exterior e/ou para a absorção de suas respectivas tecnologias. Dessa forma, projetos militares previstos em documentos de governo e com contratos ainda não assinados poderão ser realizados de forma mais vantajosa, com acesso facilitado a tecnologias sensíveis e provável redução de custos.

O propósito deste trabalho consiste em identificar as prováveis trajetórias dos gastos militares dos principais países da Otan e de grandes países emergentes, assim como prospectar oportunidades para o Brasil em termos de aquisição de equipamentos bélicos modernos e compartilhamento de tecnologias sensíveis nos setores de defesa e segurança.

O texto se divide em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na segunda seção são apresentados os dados relativos aos dispêndios militares dos quinze países com os maiores gastos militares no período 2006-2011, evidenciando os efeitos da crise internacional sobre sua capacidade de investimento na área de defesa. Na terceira seção são discutidos mais detalhadamente esses efeitos em termos de postergação ou cancelamento de projetos militares entre países da Otan, bem como as oportunidades abertas ao Brasil em decorrência desse processo.

2 GASTOS MILITARES NO PERÍODO 2006-2011: EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA SOBRE A CAPACIDADE DE INVESTIMENTO NO SETOR DE DEFESA

No período 2006-2011, o gasto militar mundial foi, em média, de US\$ 1,53 trilhão anual. O gasto esteve concentrado em número reduzido de países, destacando-se as grandes nações desenvolvidas e os BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Para fins de comparação, a tabela 1 lista os quinze países de maiores gastos militares no período, cuja soma representou 82% do total mundial.

Destaca-se, inicialmente, o elevado montante de gastos dos Estados Unidos, por larga distância maior que o de qualquer outro país. Entre 2006 e 2011, esse montante correspondeu a 42% do total mundial, patamar que, desde 1990, tem se sustentado acima de 36%. A China, país que ocupou a segunda posição no período, ostentou nível de dispêndios mais de seis vezes inferior ao dos Estados Unidos. No mesmo período, os gastos norte-americanos foram mais de dez vezes superiores aos de outras potências como França, Reino Unido e Rússia. Mesmo somados, os dispêndios militares dos quatorze demais países listados ainda seriam inferiores aos dos Estados Unidos. Houve, contudo, de 2010 para 2011, uma queda de 1,2% no montante dos gastos norte-americanos, a primeira redução desde 1998.

Ademais, dos quinze países listados, nove são desenvolvidos (incluindo a Coreia do Sul), com a soma de seus gastos militares tendo correspondido a 63% do total mundial entre os anos de 2006 e 2011. Os cinco maiores orçamentos são também os dos cinco integrantes permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU): seus gastos militares somados responderam por 60,2% do total mundial no período.

Os integrantes do G-4, que pleiteiam a reforma do CSNU no sentido de ampliar a quantidade de assentos permanentes, se encontram todos na lista, respectivamente na sexta (Japão), sétima (Índia), oitava (Alemanha) e 11ª (Brasil) posições. Outro dado é que os BRIC respondem por 15,1% do total mundial de gastos militares. Internamente a este grupo, contudo, a distribuição é desigual: os dispêndios da China representaram 45% do montante total dos BRIC, contra 24% da Rússia, 18% da Índia e 13% do Brasil.

TABELA 1

Os quinze países com os maiores gastos militares do mundo (2006-2011)

(Em US\$ bilhões de 2010)

País	Gastos militares					% sobre os gastos mundiais: média 2006-2011
	2006-2007 (média)	2008	2009	2010	2011	
1 Estados Unidos	578,3	629,1	679,6	698,2	689,6	42,0
2 China	81,9	96,7	116,7	121,1	129,3	6,8
3 França	61,2	60,7	64,7	59,1	58,2	4,0
4 Rússia	49,3	56,9	59,6	58,6	64,1	3,7
5 Reino Unido	54,9	58,2	59,3	58,1	57,9	3,7
6 Japão ¹	54,3	53,2	54,3	54,7	54,5	3,5
7 Índia ²	34,2	39,0	45,9	46,1	44,3	2,7
8 Alemanha	42,9	44,1	45,8	45,1	43,5	2,9
9 Arábia Saudita ³	40,3	42,3	43,5	45,2	46,2	2,8
10 Itália ⁴	37,4	38,2	37,1	35,5	31,9	2,4
11 Brasil	25,9	29,1	31,2	34,4	31,6	1,9
12 Coreia do Sul ⁵	24,2	26,3	27,8	27,6	28,2	1,7
13 Austrália	20,0	21,3	22,9	23,2	23,0	1,4
14 Canadá	18,2	20,5	21,4	23,1	23,1	1,4
15 Turquia	17,2	16,8	18,0	17,6	18,7	1,1
Soma dos 15 países	1.139,8	1.232,4	1.327,8	1.347,6	1.344,1	82,1
Resto do mundo	265,6	275,1	279,6	275,3	280,4	17,9
Total	1.405,4	1.507,5	1.607,4	1.622,9	1.624,5	-

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (Sipri, 2012). Elaboração dos autores.

Notas: ¹ Não são incluídos os gastos com pensões militares. Ademais, trata-se do montante previsto em orçamento, não refletindo necessariamente o gasto efetivo.² Não incluem gastos com atividades militares nucleares. Ademais, são incluídos gastos com a Border Security Force (BSF), a Central Reserve Police Force (CRPF), a Assam Rifles, a Indo-Tibetan Border Police (ITBP) e a Sashastra Seema Bal (SSB).³ Trata-se do montante previsto em orçamento, não refletindo necessariamente o gasto efetivo. Ademais, são incluídos os gastos com a ordem e a segurança pública.⁴ São incluídos os gastos com defesa civil, que geralmente montam a 4,5% do total do gasto militar.⁵ Não são incluídos os gastos com três fundos especiais, destinados a: realocação de instalações militares; realocações de bases norte-americanas; e bem-estar para as tropas (*welfare for troops*). Estes fundos somaram 1,05 trilhão de won em 2010.

Obs.: 1. São estimativas do Sipri os seguintes dados: China e Rússia para todo o período; Itália para o período 2007-2011; e Alemanha e Canadá para 2011.

2. Os dados referem-se ao exercício financeiro em questão para cada país. Os países nos quais o exercício financeiro não corresponde ao período janeiro-dezembro são: Estados Unidos, outubro-setembro; Reino Unido, abril-março; Japão, abril-março; Índia, abril-março; Canadá, abril-março; e Austrália, julho-junho.

Dos quinze maiores orçamentos militares entre os anos de 2006 e 2011, os únicos países não desenvolvidos e que tampouco fazem parte do grupo BRIC são a Arábia Saudita e a Turquia. Esta última superou em termos de gastos militares importantes países europeus como Espanha e Países Baixos, reflexo indireto dos efeitos da crise econômica em países da União Europeia (UE) sobre seus orçamentos de defesa. De fato, os quatro países da UE (França, Reino Unido, Alemanha e Itália) listados apresentaram reduções de seus gastos entre 2008 e 2011.

Entretanto, deve-se destacar que os efeitos da crise sobre os gastos militares nacionais desses quatro países e dos Estados Unidos foram limitados, neste período, pelas dificuldades de reduzi-los de forma abrupta. Estes países estavam/estão envolvidos em conflitos armados no exterior, nos quais o encerramento das operações militares não pode ser realizado em prazos curtos, em função tanto da possibilidade de acirramento de tensões nos locais de conflito quanto do tempo necessário para a desmobilização das estruturas militares instaladas.

Há, além disso, temor em relação à perda de capacidade militar nacional em comparação às de outras potências. Nos Estados Unidos, em especial, a redução dos gastos em defesa constitui ameaça à capacidade de contenção da influência da Rússia e da China, tendo em vista a continuidade da expansão militar desses países (Cordesman, 2011, p. 2-3; Reuters, 2011; Gregory, 2012).

Contratos de fornecimento de equipamentos também necessitam, muitas vezes, ser mantidos no curto prazo, tendo em vista compromissos assumidos com empresas do setor, instituições financeiras e/ou governos estrangeiros (Litvan, 2012). O rompimento pode significar custos elevados para os cofres nacionais, em função de multas previstas em cláusulas contratuais, reduzindo assim o impacto orçamentário positivo de eventuais cancelamentos de projetos (Shalal-Esa, 2012; United Kingdom, 2010a, p. 31). As dificuldades também se apresentam na redução de gastos por meio da dispensa de pessoal. Muitos militares estão amparados em legislação nacional que previne sua demissão no curto prazo. E, quando esta ocorre, é preciso, muitas vezes, arcar com compensações financeiras para com o militar desligado do serviço ativo, reduzindo a economia potencial oriunda dos cortes de gastos (Jane's, 2012a; United Kingdom, 2012).

Por fim, reduções nos gastos militares implicam custos políticos internos, tendo em vista: *i*) o impacto econômico negativo sobre as empresas do setor de defesa e as localidades nas quais estas se situam, reduzindo o apoio político da população local, bem como de seus respectivos representantes nos parlamentos nacionais (Litvan, 2012);¹ e *ii*) afirmações de partidos/grupos de oposição de que o governo do país estaria supostamente contribuindo para o declínio da nação, o que é particularmente acentuado nos Estados Unidos (Luce, 2012).²

Ainda que esses fatores tenham sido considerados pelas autoridades nacionais, os governos dos principais países da Otan julgam inviável manter os gastos militares nos patamares atuais em um cenário de crise internacional. Embora haja um retardo entre o início da crise econômica e a efetivação dos planos de cortes orçamentários, há uma tendência inequívoca de diminuição ou estabilização de seus gastos com defesa, em termos absolutos, até o final desta década.

Na tabela 2 constam dados das estimativas de variação, entre 2008 e 2016, do PIB, do déficit fiscal e do endividamento público dos cinco países da Otan com os maiores orçamentos de defesa e dos BRIC. Em primeiro lugar, observa-se a queda ou o baixo crescimento no PIB esperado para os integrantes da Otan. A isto se contrapõe o crescimento econômico mais expressivo dos BRIC, sobretudo China, Índia e Brasil.

TABELA 2

Variação percentual do PIB, déficit fiscal médio e dívida pública bruta: principais membros da Otan e BRIC (2008-2016)

(Em %)

		Evolução do PIB (2016-2008)	Déficit fiscal médio (2008-2016) (% do PIB)	Dívida pública em 2016 (% do PIB)	Evolução da dívida pública bruta (2016-2008) (% do PIB)
Países da Otan	Estados Unidos	15,6	6,1	114,2	50,1
	Reino Unido	5,6	5,3	95,8	83,5
	França	5,0	2,8	90,1	32,1
	Alemanha	8,8	0,9	75,8	13,3
	Itália	4,5	1,2	123,3	16,7
BRIC	Brasil	38,1	2,1	55,0	-13,4
	Rússia	27,4	0,4	13,0	64,6
	Índia	79,6	9,9	64,7	-12,7
	China	115,5	1,0	12,6	-25,9

Fontes: Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI).

Obs.: Os dados para o período 2013-2016 são estimativas.

1. Estima-se que os cortes dos gastos militares nos Estados Unidos podem provocar a demissão de 1 milhão de trabalhadores apenas na indústria aeroespacial. O impacto negativo afetará particularmente os estados que mais dependem da presença militar em suas economias. A Virgínia, por exemplo, tem quase 14% de seu Produto Interno Bruto (PIB) oriundo de atividades de defesa (Litvan, 2012).

2. Este último fator é atenuado, tendo em vista que, no início de 2012, 76% da população norte-americana defendia a redução nos gastos (Kull *et al.*, 2012, p. 18).

Para a análise da trajetória dos gastos militares no tempo, é fundamental considerar não apenas o desempenho econômico recente de cada país, mas suas perspectivas de resultado fiscal e endividamento público para o futuro próximo. Nesses quesitos, percebe-se que os países avançados enfrentarão dilemas cada vez maiores para a alocação de recursos para a área de defesa e segurança internacional. Pois, uma vez que não há perspectiva de redução substancial de seus déficits fiscais no curto prazo, a trajetória esperada da dívida pública bruta desses países é de forte aceleração nos próximos anos, comprometendo sua capacidade de investimento. Acrescenta-se a esse cenário o fato de que a crise econômica ensejará outras prioridades para o gasto público, sobretudo na área social.

No caso dos Estados Unidos, o limite de endividamento público é definido pelo Congresso, o que tem restringido fortemente a capacidade de atuação do Executivo no sentido de ampliar os incentivos à recuperação econômica do país. Muitos programas de redução de impostos e de aumento do gasto público, implementados ao longo dos anos 2000, podem expirar ao final de 2013, não obstante ainda serem necessários para a reanimação da economia norte-americana. Sua continuidade exige, contudo, o aumento do passivo governamental, num momento em que o déficit público já alcança níveis substancialmente mais elevados que a média histórica (Gravelle, 2012). Uma vez que a oposição se mostrou cada vez menos flexível para negociar uma nova ampliação desse teto, o governo Obama teve que apresentar um novo pacote de redução de gastos para 2013, a fim de evitar o chamado *fiscal cliff* – literalmente, o “abismo” representado pela impossibilidade de um novo aumento do endividamento público do país, que resultaria num drástico e generalizado corte automático de despesas, com efeitos imprevisíveis. Diante desse cenário de incerteza, uma administração democrata tem se mostrado mais propensa a sacrificar o orçamento de defesa em prol da preservação dos gastos sociais (Bloomberg, 2012, p. 5; Gravelle, 2012, p. 5-6).

Já a situação fiscal dos países da UE é distinta, apesar de suas consequências serem similares, do ponto de vista da redução dos dispêndios militares para os próximos anos. Embora com diversas causas, os problemas macroeconômicos se concentram em países considerados periféricos, como Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Irlanda, cujas trajetórias recentes de endividamento e déficit público se tornaram incompatíveis com os padrões estabelecidos para a adoção da moeda comum. Esses países têm sido marcados por fortes ajustes recessivos, por meio de cortes das despesas governamentais, com reflexos imediatos sobre seus gastos de defesa (Nelson *et al.*, 2012; Mölling e Brune, 2011). Contudo, esses cortes ainda não se refletiram em uma redução satisfatória do déficit público, de modo que suas dívidas externas continuam a crescer em ritmo acelerado. Diante do risco de insolvência desses países, as principais economias do bloco (Alemanha, França e Reino Unido), que ainda possuem indicadores macroeconômicos sólidos, podem se ver constrangidas a ampliar seus gastos e endividamento público para auxiliar seus vizinhos e evitar um agravamento da crise. Nessa perspectiva, seus dispêndios militares também serão sensivelmente afetados (O'Donnell *et al.*, 2012; Nelson *et al.*, 2012, p.16-17).

Na seção seguinte, são analisadas, mais detidamente, algumas perspectivas futuras para o setor de defesa nos Estados Unidos, no Reino Unido, na França, na Alemanha e na Itália, destacando-se como a projetada redução nos seus gastos militares, até o final da década, pode trazer oportunidades para o Brasil, no sentido de fortalecer seu poderio militar e sua base industrial de defesa.

3 OPORTUNIDADES PARA O BRASIL DIANTE DA PROJEÇÃO DE REDUÇÃO DE DISPÊNDIOS MILITARES EM PAÍSES DA OTAN

Como mencionado na seção anterior, em função da crise econômica iniciada em 2008, diversos países desenvolvidos estão reduzindo seus gastos militares, ao tempo em que grandes países emergentes pretendem mantê-los em trajetória ascendente. Na tabela 3, constam as projeções de gastos militares até o ano de 2016, para os países da Otan com os cinco maiores orçamentos de defesa e para os BRIC.

TABELA 3

Estimativa de gastos militares (2012-2016)

(Em US\$ bilhões de 2011)

		2012	2013	2014	2015	2016	2016-2012 (%)
Países da Otan	Estados Unidos	645,7	606,4	566,8	568,1	567,2	-12,2
	Reino Unido	62,8	56,9	56,1	53,8	54,9	-12,6
	França	54,7	54,0	53,4	53,1	53,3	-2,7
	Alemanha	44,0	45,6	44,6	43,2	42,7	-3,0
	Itália	27,6	26,8	24,9	24,9	25,8	-6,4
	Total	834,8	789,7	745,8	743,1	743,9	-10,9
BRIC	Brasil	33,9	35,9	38,2	40,2	44,0	29,7
	Rússia	63,0	65,4	68,2	71,0	73,8	17,2
	Índia	51,0	50,7	52,6	56,0	60,9	19,4
	China	121,2	130,0	140,7	151,7	163,7	35,1
	Total	269,1	282,0	299,7	318,9	342,4	27,2

Fonte: Jane's (2012b).

Obs.: Os valores não são diretamente comparáveis com os da tabela 1, em função de diferentes metodologias de cálculo e, sobretudo, pelo fato de os valores desta tabela estarem em dólares de 2011. O principal propósito desta tabela é demonstrar a projeção dos gastos até 2016 em decorrência dos efeitos da crise econômica, o que não é afetado pelos diferentes valores em relação à tabela 1.

Observa-se que todos os países da Otan selecionados apresentam perspectivas de redução de seus gastos militares para o período, enquanto os BRIC apresentam perspectivas de crescimento. Se, em 2012, os gastos somados dos BRICs foram equivalentes a 32,3% dos gastos somados desses cinco países da Otan, a previsão é que este percentual passará a ser de 46% em 2016. Comparando-se os gastos da China com os dos Estados Unidos, o percentual passaria de 18,8% para 28,9%. Em 2016, o gasto chinês seria, além disso, aproximadamente o triplo do britânico e do francês. Observando-se o Brasil, o gasto do país poderá ultrapassar o da Alemanha em 2016, e corresponder, neste mesmo ano, a 82,6% do gasto francês (frente a 62% em 2012) e a 80,1% do gasto britânico (frente a 54% em 2012). Em 2016, segundo estimativas da Jane's (2012b), o Brasil saltaria do décimo (em 2012) para o oitavo gasto militar mundial.

Na tabela 4 constam os dados para os gastos destinados apenas à aquisição de equipamentos militares para os mesmos países.

Entre os países da Otan observa-se que a queda é menos pronunciada que a dos gastos militares agregados (ou mesmo se transforma em crescimento) nos casos de Estados Unidos, França e Itália, enquanto cai em proporção igual ou superior no Reino Unido e na Alemanha. De toda forma, ao compará-los com os gastos dos BRIC, observa-se como as tendências são distintas. Os gastos dos BRIC, que corresponderam em 2012 a 32,4% dos gastos somados destes cinco países da Otan, poderão corresponder a 44,2% em 2016. Os gastos

chineses que, em 2012, corresponderam a 19,4% dos gastos norte-americanos, poderão ser equivalentes a 26,8% em 2016. Quanto ao Brasil, os gastos atualmente já se encontram em patamar superior aos da Itália e, em 2016, poderão ser equivalentes a 67% dos gastos da Alemanha (frente a 48,8% em 2012), 49% da França (frente a 37,9% em 2012) e 34,7% do Reino Unido (frente a 23,2% em 2012).

TABELA 4

Estimativa de gastos militares para aquisição de equipamentos (2012-2016)

(Em US\$ bilhões de 2011)

		2012	2013	2014	2015	2016	2016-2012 (%)
Países da Otan	Estados Unidos	120,6	107,2	106,6	112,2	114,0	-5,4
	Reino Unido	16,8	14,9	14,6	14,1	14,7	-12,6
	França	10,3	10,0	10,0	10,0	10,4	1,1
	Alemanha	8,0	8,1	7,9	7,7	7,6	-5,2
	Itália	3,6	3,6	3,4	3,4	3,8	5,5
	Total	159,3	143,8	142,5	147,4	150,5	-5,5
BRIC	Brasil	3,9	4,2	4,4	4,7	5,1	30,9
	Rússia	10,0	10,7	11,9	12,9	13,4	33,9
	Índia	14,3	14,0	14,9	16,1	17,5	22,4
	China	23,4	25,4	26,7	28,7	30,5	30,1
	Total	51,6	54,3	57,9	62,4	66,5	28,9

Fonte: Jane's (2012b).

Em termos de equipamentos, este cenário traz duas possibilidades para os BRIC. A primeira é uma consequência direta: por meio de um volume de aquisição de equipamentos militares superior, é possível que alguns dos BRIC reduzam o hiato que separa as suas capacidades materiais militares em relação a alguns países da Otan. Ainda que o hiato continue se ampliando em alguns casos (notadamente ao se comparar Brasil e Estados Unidos), pode-se, ao menos, reduzir a velocidade de sua ampliação. A segunda é uma consequência indireta: o fato de as reduções de aquisições de equipamentos nestes países ampliarem o peso relativo do mercado externo contribui para que países como o Brasil tenham maior poder de barganha e possam, assim, assinar acordos mais vantajosos de compra ou transferência de tecnologia.

Com o objetivo de detalhar o perfil das aquisições de equipamentos, constam na tabela 5 dados sobre aquisições discriminados pela força adquirente (Exército, Marinha ou Força Aérea) para os principais membros da Otan e para os BRIC.

Analisando os países da Otan, verificam-se as seguintes tendências, com base nas estimativas citadas: *i*) nos Estados Unidos, a queda seria mais pronunciada nas aquisições para o Exército; *ii*) no Reino Unido, ela ocorreria de forma significativa nos três segmentos, embora com peso maior para o Exército; *iii*) na França, haveria uma queda significativa no Exército, uma relativa estabilidade na Marinha e um crescimento na Força Aérea; *iv*) na Alemanha, uma diminuição em todas as forças, com peso maior para o Exército; e *v*) na Itália, uma tendência de crescimento para a Força Aérea e de estabilidade para os demais segmentos. Entre os BRIC, destacam-se os pontos a seguir: *i*) no Brasil, um crescimento significativo em todos os segmentos, sobressaindo-se a Marinha, cujo valor quase igualaria a soma das aquisições de Exército e Força Aérea; *ii*) na Rússia, um crescimento em todos os segmentos, mas com menor prioridade relativa para a Marinha; *iii*) na Índia, uma evidente menor prioridade para o Exército; e *iv*) na China, também menor prioridade para o Exército.

TABELA 5

Gastos militares para aquisição de equipamentos por força singular (2012-2016)

(Em US\$ bilhões de 2011)

		2012	2013	2014	2015	2016	2016-2012 (%)	
Países da Otan	Estados Unidos	Exército	24,84	22,57	20,01	19,74	20,39	-17,9
		Marinha	45,79	43,36	42,09	46,71	45,00	-1,7
		Força Aérea	40,87	36,63	36,58	37,16	40,10	-1,9
	Reino Unido	Exército	4,22	3,87	3,90	3,66	3,46	-17,9
		Marinha	5,73	5,02	4,92	4,76	5,24	-8,5
		Força Aérea	6,79	5,91	5,74	5,61	5,94	-12,6
	França	Exército	2,64	2,54	2,58	2,56	2,38	-10,0
		Marinha	2,53	2,49	2,47	2,51	2,63	+4,1
		Força Aérea	3,15	3,02	2,99	2,97	3,60	+14,2
Alemanha	Exército	1,49	1,48	1,45	1,40	1,38	-7,1	
	Marinha	2,26	2,34	2,29	2,22	2,19	-3,0	
	Força Aérea	3,89	3,91	3,83	3,71	3,66	-5,9	
Itália	Exército	1,23	1,15	1,11	1,08	1,22	-0,6	
	Marinha	1,17	1,15	1,08	1,09	1,14	-2,6	
	Força Aérea	0,96	1,03	0,96	1,00	1,20	+25,3	
BRIC	Brasil	Exército	0,81	0,84	0,89	0,92	1,00	+23,4
		Marinha	1,13	1,20	1,30	1,39	1,55	+37,1
		Força Aérea	0,55	0,60	0,64	0,67	0,73	+32,1
	Rússia	Exército	3,08	3,33	3,74	4,18	4,35	+41,1
		Marinha	3,27	3,43	3,60	3,79	3,97	+21,4
		Força Aérea	3,23	3,53	4,09	4,53	4,59	+41,9
	Índia	Exército	2,99	2,25	2,46	2,91	3,16	+5,9
		Marinha	4,95	4,89	5,25	5,58	6,05	+22,1
		Força Aérea	6,13	6,69	6,92	7,36	8,00	+30,6
China	Exército	8,93	9,40	9,78	10,25	10,85	+21,5	
	Marinha	6,53	7,17	7,59	8,41	9,07	+39,0	
	Força Aérea	7,35	8,21	8,65	9,37	9,80	+33,3	

Fonte: Jane's (2012b).

Por meio dessas estimativas, é possível inferir algumas das tendências das aquisições no setor de defesa para os próximos anos. Em primeiro lugar, as maiores potências ocidentais provavelmente reduzirão seus gastos com equipamentos militares nos próximos anos, enquanto os países do BRIC elevarão substancialmente esses dispêndios. Este movimento denota uma intensificação do processo de modernização das Forças Armadas dos países emergentes, em contraposição a uma relativa estagnação ou mesmo redução do estoque de equipamentos militares das potências ocidentais, malgrado a conservação de sua superioridade tecnológica. Em segundo lugar, a redução projetada dos gastos com equipamentos nos países da Otan não se dará de forma homogênea entre as forças: em quase todos esses países, o Exército assimilará a maior parte dos cortes planejados, e, para as demais forças, a redução será menos significativa ou mesmo ocorrerão aumentos. Estes indicadores sugerem que, não obstante haja um movimento de redução global dos dispêndios com equipamentos militares por parte das potências ocidentais, elas buscarão sacrificar menos as forças mais intensivas em capital (Marinhas e Forças Aéreas).

Os dados da tabela 5 serão também utilizados nas subseções seguintes, para se analisar as peculiaridades do processo de redução de gastos militares em cada um dos cinco países da Otan, bem como possíveis oportunidades que se apresentam ao Brasil.

3.1 Estados Unidos

Os Estados Unidos foram o único país em que os gastos militares em 2011 foram superiores aos de 2008. Esta situação decorre, sobretudo, de dois fatores: *i*) o país logrou recuperar-se da crise em velocidade superior à da maior parte dos países europeus, tendo apresentado crescimento econômico de 3% em 2010 e 1,7% em 2011 (após redução de 3,5% em 2009 e 0,4% em 2008);³ e *ii*) por ocasião do início da crise, o país estava envolvido em duas guerras de larga escala, não sendo possível reduzir seus gastos militares em períodos curtos, sob pena de aprofundar a instabilidade no Iraque e no Afeganistão e em função do tempo necessário à desmobilização militar.

O crescimento observado, entretanto, mostra-se inviável para os próximos anos. De 2010 para 2011, ocorreu uma redução de 1,2% nos gastos e, para 2012, o valor máximo de dispêndios autorizado para o Departamento de Defesa foi 6% inferior ao de 2011, montante que diminuirá mais 4,9% em 2013 em relação a 2012 (Estados Unidos da América, 2012, p. 1-2). De acordo com os dados da tabela 3, os gastos em defesa norte-americanos, em 2016, serão 12,2% inferiores aos de 2012. De fato, entre 2013 e 2022 o governo norte-americano planeja economizar aproximadamente US\$ 487 bilhões em gastos militares (Litvan, 2012; Panetta, 2012). Ainda assim, será mantido o atual desequilíbrio entre Estados Unidos e países europeus em termos de gastos militares na Otan, com os países europeus mantendo participação limitada nas atividades militares da organização até o final desta década.⁴

Este processo é uma janela de oportunidade para que alguns países, sobretudo a China, reduzam o hiato de suas capacidades militares em relação às dos Estados Unidos. Estas mudanças têm levado a alterações na importância relativa atribuída ao Pacífico na política de defesa e segurança dos Estados Unidos: em 2020, planeja-se que 60% das embarcações militares norte-americanas estejam naquele oceano (Panetta, 2012), reduzindo a importância relativa das demais áreas oceânicas do globo.

Ademais, o corte nos gastos militares nos Estados Unidos atua como fator de pressão para que as empresas norte-americanas exportem mais, ampliando o poder de barganha de governos de grandes países emergentes em possíveis negociações com instituições daquele país. Para tanto, é importante que se atente para os dados da tabela 5. Por meio deles, é possível observar que a queda deve ser particularmente acentuada nas aquisições de equipamentos para as forças terrestres, possibilitando, em tese, acordos relativamente mais vantajosos em produtos e serviços neste segmento. Embora as grandes empresas de defesa norte-americanas atuem em mais de um segmento, algumas possuem maior dependência dos equipamentos terrestres, como a General Dynamics. Nos demais segmentos (Marinha e Força Aérea), embora se observe tendência de relativa estabilidade ao se comparar o início e o fim do período, também se amplia o interesse das empresas do setor por mercados emergentes, em função do maior peso destes no mercado mundial de defesa.

3. Fonte: Banco Mundial.

4. O crescimento de gastos nos Estados Unidos no período 2008-2010 e a queda em países europeus aumentou o "fardo" norte-americano no âmbito da Otan: enquanto no início dos anos 2000 seu gasto respondia por pouco menos de 50% do total do gasto militar somado dos integrantes da organização, o país passou a responder por cerca de 75% em 2011, como destacado pelo secretário geral da Otan (Rasmussen, 2011). Para esta questão, ver também Flanagan (2011).

3.2 França

Na França, o gasto militar está em queda e deve diminuir ainda mais em virtude da eleição do socialista François Hollande. A nova administração afirmou a retirada das tropas francesas do Afeganistão, além da aceleração na redução dos efetivos militares do país (RFI, 2012). Deve ser destacado que isto ocorrerá após já terem sido executados cortes significativos nos efetivos militares: entre 2008 e 2011, o total de militares do país caiu de 347 mil para 227 mil.⁵ O governo encontra respaldo popular para essa decisão: em pesquisa de opinião pública, a defesa foi o item mais citado entre as despesas governamentais que deveriam passar por cortes nos próximos anos (Lagane, 2012).

Contudo, a redução de gastos militares na França é limitada em função da opção política por se manter uma indústria de defesa nacional autônoma, cujos encargos se mostram cada vez mais elevados em face das capacidades financeiras do país. Os dados da tabela 5 demonstram uma tendência de estabilidade dos gastos de aquisição de equipamentos nas três forças singulares. Isso implica que o mercado externo deverá desempenhar papel mais decisivo para a sobrevivência do parque industrial de defesa francês, com reflexos positivos para os importadores de seus produtos.

A Dassault Aviation, em particular, é uma empresa historicamente dependente do mercado externo. As aeronaves da série Mirage, principal produto da empresa entre os anos 1960 e 1990, tiveram no mercado externo o seu principal destino, com os modelos Mirage 3/5/50 e Mirage F1 tendo, respectivamente, 70% e 65% de sua produção exportada (Hebert *apud* Simon, 1993, p. 3). Estas vendas possibilitaram a manutenção da linha de produção de aeronaves militares ao longo do período e a diminuição nos preços dos modelos adquiridos pelo Estado francês. Nos anos 2000, entretanto, a empresa passou a encontrar dificuldades em inserir o modelo Rafale no mercado externo, implicando custos elevados para o país, que se vê obrigado a adquirir aeronaves com preços significativamente superiores aos de similares estrangeiros.⁶ A atual contenção de gastos militares na França agrava o cenário, fazendo do mercado externo peça ainda mais fundamental para a diminuição dos custos de produção do modelo.

O projeto do Rafale, uma das principais apostas da indústria francesa de defesa para o século XXI, já nasceu trazendo consigo um maior risco de mercado em razão da decisão da França de, no início dos anos 1980, desenvolver, de forma autônoma, um caça multipropósito, abandonando o consórcio Eurofighter (do qual também participavam Reino Unido, Alemanha, Itália e Espanha). O Rafale foi desenvolvido para atender simultaneamente a várias funções de combate – possuindo inclusive uma versão naval – sem se limitar às especificações técnicas impostas por cada país, as quais inviabilizaram a permanência da Dassault no projeto Eurofighter. Essa versatilidade buscava não apenas suprir as diferentes demandas das Forças Armadas francesas, mas também favorecer os requisitos dos compradores externos, que deveriam representar uma parcela importante das vendas da aeronave, a exemplo dos modelos anteriores da Dassault. Contudo, seus elevados custos de aquisição e operação são apontados como um fator decisivo para a sua rejeição em várias concorrências internacionais (Levine, 2008; Defense Industry Daily, 2013). Embora o Eurofighter tampouco tenha sido bem-sucedido em vendas para o exterior, as melhores condições econômicas de alguns dos países membros do consórcio são capazes de reduzir o custo individual decorrente da baixa inserção da aeronave no mercado externo.

5. Fonte: Otan.

6. O custo unitário (*flyaway cost*) aproximado, para o Estado francês, é de US\$ 82 milhões (Tran, 2008). Modelos equivalentes possuem preços médios inferiores, tais como: o Boeing F/A-18E/F Super Hornet, dos Estados Unidos, com preço de cerca de US\$ 55 milhões (Estados Unidos da América, 2011, p. 33); o Saab JAS 39 Gripen, da Suécia, em torno de US\$ 40 milhões (Tran, 2008); o Sukhoi Su-30, da Rússia, cerca de US\$ 34 milhões (FAS, [s.d.]); e o Chengdu J-10, da China, em torno de US\$ 28 milhões (Hornby, 2010).

Em maior ou menor grau, a dependência em relação ao mercado externo observada no caso da Dassault aplica-se à indústria de defesa francesa como um todo. Condições vantajosas em termos de custos de aquisição e contrapartidas contratuais (*offsets*), com destaque para a possibilidade de transferência tecnológica em áreas sensíveis, são algumas das consequências esperadas nas negociações futuras com fornecedores franceses do setor de defesa.

3.3 Reino Unido

No Reino Unido, planeja-se economizar £ 4,1 bilhões até o ano de 2015 por meio do adiamento ou cancelamento de novos projetos e da desmobilização de pessoal, da ordem de 29 mil servidores civis e 25 mil militares (United Kingdom, 2010a; 2012, p. 3). Grande parte desses cortes afetará unidades estacionadas na Alemanha, embora também sejam esperadas retiradas substanciais nos países da Ásia (United Kingdom, 2012). Os cortes estão sendo implementados de forma linear, de modo a não comprometer a capacidade de defesa do Reino Unido no curto prazo, nem inviabilizar os compromissos assumidos pelo país com a Otan. Não obstante, a redução substancial de seu orçamento, esperada para os próximos anos, trará impactos significativos na quantidade de meios militares e nos planos de modernização de sua estrutura de defesa.

Chamou atenção o anúncio da retirada precoce de serviço do navio-aeródromo Ark Royal e dos *Harriers*, aeronaves de caça de decolagem vertical que por décadas figuraram como símbolos do poderio aéreo da Royal Navy (Weitz, 2011, p. 56). Parte da frota de superfície do país será desativada, assim como vários blindados e peças de artilharia. As encomendas da aeronave de caça de quinta geração F-35, um dos principais vetores de modernização militar do Reino Unido, estão suspensas até a redefinição do plano de defesa do país, prevista para 2015.⁷ De fato, observa-se uma tendência de redução de dispêndios mais pronunciada do que no caso da França (tabela 5).

A desmobilização de unidades militares no Reino Unido, particularmente no tocante aos quatro destróieres Type 22 a serem retirados de serviço nos próximos anos (Rayment, 2012), representa oportunidade aos países em desenvolvimento de aprimorar seu poderio naval por meio da aquisição de meios modernizados e já testados em campo. Ao mesmo tempo, a esperada redução das encomendas do país junto à sua indústria de defesa aponta a necessidade de grandes firmas, como a BAE Systems, aumentarem a importância relativa do mercado externo como fonte de receitas, ampliando o poder de barganha dos países compradores nas licitações internacionais de armamentos.

3.4 Alemanha

A Alemanha poderia constituir um caso distinto dos demais países europeus no que diz respeito à trajetória planejada de seus gastos militares para os próximos anos. O país é um dos poucos dentro do bloco europeu que lograram preservar o equilíbrio fiscal e o crescimento econômico mesmo durante a crise, e assim conservar sua capacidade de investimento público. Não obstante a robustez de suas finanças, o governo alemão também afirmou a disposição de promover cortes profundos no orçamento de defesa do país. Destaca-se nesse esforço a previsão de redução dos efetivos militares do país, do patamar de mais de 240 mil soldados para cerca de 185 mil até 2015, em passo com a retirada progressiva de suas tropas estacionadas na Ásia Central e no Oriente Médio (Jane's, 2012a).

7. Não obstante o congelamento das compras do F-35, o Ministério da Defesa britânico formalizou recentemente a aquisição de sua primeira unidade do caça multifunção, sinalizando aos seus aliados da Otan que permanece o compromisso do país com a continuidade do projeto. Ver Pocock (2012).

Em virtude de limitações impostas pelos países aliados após o fim da Segunda Guerra Mundial e do longo processo de absorção da infraestrutura militar do lado oriental do país herdada após o fim da Guerra Fria, a Alemanha possui hoje uma estrutura de defesa mais modesta que a de outras potências europeias (Steinhoff, 2011). Portanto, os cortes planejados nos investimentos militares do país se concentram em projetos ainda em desenvolvimento, com destaque para a redução de encomendas da aeronave de transporte A400M, da Airbus (subsidiária da EADS), e do veículo de combate Puma, cujas primeiras unidades estão sendo testadas pelo Exército alemão (Jane's, 2012a). Mas a pretendida redução de despesas também deverá resultar no cancelamento da aquisição de novas unidades de armamentos já incorporados às Forças Armadas do país, como a aeronave de caça Eurofighter Typhoon, produzida por um consórcio europeu liderado pelas empresas Alenia, BAE Systems e EADS, bem como os helicópteros de ataque Eurocopter Tiger e de emprego naval NH-90 (Clark, 2011).

Os cortes orçamentários previstos pelo governo alemão para os próximos anos tiveram reflexos especialmente negativos para a companhia EADS, cujos contratos de fornecimento com o país representavam importante parcela de suas receitas futuras, além de serem essenciais para viabilizar programas como o A400M. Os recorrentes atrasos e revisões de custos deste projeto já haviam resultado no cancelamento de pedidos de países de fora da Europa, como a África do Sul. Por isso, a perspectiva de redução das encomendas dos principais mercados para este avião de transporte torna-se cada vez mais preocupante, num momento em que se acirra a concorrência com a Lockheed Martin (por meio do Super Hercules) e no qual ocorre a entrada de novos competidores, como a Embraer, com o KC-390. Esses fatores sugerem que a EADS terá de buscar novos contratos nos mercados de países em desenvolvimento a fim de custear seus projetos mais importantes, abrindo espaço para a celebração de novas parcerias estratégicas, que podem envolver, inclusive, a transferência de tecnologia sensível.

Além disso, os cortes projetados em aquisições de equipamentos militares da Alemanha (tabela 5) podem impactar severamente as empresas fabricantes de meios terrestres, devido ao peso que possuem na indústria de defesa local. Mas o estreitamento do mercado doméstico dessas empresas também poderá significar novas oportunidades de aquisição de produtos bélicos por parte do Brasil, que, por exemplo, recentemente recebeu o último lote de viaturas blindadas Leopard 1A5, fabricadas e modernizadas naquele país pela Kraus-Maffei Wegmann (KMW).

3.5 Itália

Na Itália, a redução também se apresenta como consequência da crise econômica enfrentada pelo país. Como se observa na tabela 2, o PIB italiano é o que apresenta a menor perspectiva de crescimento entre 2008 e 2016, e estima-se que seu gasto militar se reduzirá em 6,4% no período 2012-2016.

A partir do início do governo de Mario Monti (final de 2011), a diretriz é de manutenção destes cortes. Pretende-se executar ampla reforma nas Forças Armadas do país, reduzindo seu tamanho em cerca de 30% até 2017-2018 (Gaiani, 2012a). Planeja-se ainda ampliar a “intensidade de capital” das Forças Armadas, reduzindo os efetivos militares de cerca de 180 mil para 130-140 mil (Cadalano, 2012). Além da crise econômica, tal reforma é considerada necessária, tendo em vista que, entre os dez países de maiores gastos militares da Otan, a Itália possui o maior percentual de recursos alocados para o pagamento de pessoal, média de 74,3% para o período 2000-2010.⁸ Tal corte não impede novas quedas nos gastos com equipamentos, embora estes tenham já decrescido substancialmente entre 2008 e 2011, encontrando-se em patamares baixos, da ordem de US\$ 3,7

8. Fonte: Otan. Trata-se de percentual semelhante ao do Brasil. Ver Silva Filho e Moraes (2012, p. 45).

bilhões, em 2011. Planeja-se uma redução no número de equipamentos operados nas três forças – Exército, Marinha e Aeronáutica –, com a desmobilização de meios antigos e ênfase em equipamentos mais modernos (Gaiani, 2012a, 2012b). De fato, verifica-se pelos dados da tabela 5 que apenas a Força Aérea italiana tem previsão de ampliar seus investimentos em novos meios nos próximos anos.

Este processo de desmobilização pode representar oportunidade para o Brasil exercer maior poder de barganha em possíveis acordos militares com aquele país, uma vez que empresas italianas já participaram de importantes projetos com instituições brasileiras nas últimas décadas e atualmente são parceiras estratégicas no desenvolvimento de novos equipamentos. Dentre as parcerias, destacam-se: *i*) a produção, sob licença, pela Embraer da aeronave EMB-326 Xavante, a partir do modelo MB-326G, da empresa Aermacchi (produção realizada até o início dos anos 1980); *ii*) a parceria entre Embraer, Aeritalia e Aermacchi no desenvolvimento e produção da aeronave AMX na década de 1980, peça-chave no futuro desenvolvimento de jatos regionais civis pela Embraer (ABDI, 2009, p. 64);⁹ e *iii*) o desenvolvimento e a produção, pela empresa Iveco, da Viatura Blindada de Transporte de Pessoal – Média sobre Rodas (VBPT-MR), na unidade da empresa em Sete Lagoas-MG, cujas primeiras unidades deverão ser entregues ao Exército Brasileiro em 2013. O interesse em possíveis parcerias foi demonstrado em junho de 2012, por ocasião da reunião entre os ministros da Defesa dos dois países (Brasil, 2012d). A Finmeccanica, maior empresa de defesa da Itália, tem demonstrado interesse por projetos em diversos segmentos de defesa, notadamente: aeronaves de asa fixa/rotativa; fragatas; mísseis/torpedos; blindados; e sistemas de segurança (Franco, 2010; Babington, 2010; Finmeccanica, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a perspectiva de redução nos gastos militares de diversos países desenvolvidos, abre-se uma “janela de oportunidade” para que países emergentes reduzam seu diferencial em termos de poderio e capacidade tecnológica militar em relação a potências da Otan. Nesse sentido, China e Rússia podem reduzir a distância de suas capacidades militares em relação aos Estados Unidos, enquanto Brasil e Índia, que competem num nível inferior de poderio militar, podem se fortalecer comparativamente a outras potências como França, Reino Unido e Alemanha.¹⁰

Para a indústria de defesa do Brasil, o cenário que se desenha para a próxima década apresenta sinais contraditórios. Por um lado, espera-se que ela seja menos afetada pela crise econômica que a de outros países, pois seus principais clientes não são membros da Otan. Por outro, a diminuição dos gastos militares nestes países (que possuem uma base industrial de defesa ampla e diversificada, principalmente no caso dos Estados Unidos e da França) aumenta a pressão sobre as suas empresas, no sentido de buscarem novos mercados no exterior. Assim, com a diminuição das aquisições nacionais, o mercado externo ganha importância crescente para as firmas do setor de defesa dos países centrais, pressionando para baixo os preços no mercado internacional de armamentos. Uma excessiva dependência em relação às exportações será, pois, prejudicial às firmas brasileiras não apenas em virtude da retração dos gastos militares nos países desenvolvidos, como também em razão do esperado aumento da concorrência com as firmas destes países em novos mercados.

9. Informação também prestada aos autores por integrantes da Embraer.

10. Com a ressalva de que, no caso específico do Brasil, há um “teto” na redução do hiato em relação a França e Reino Unido, dada a impossibilidade do desenvolvimento de capacidades militares nucleares, por força do previsto na Constituição Federal e em tratados internacionais assinados pelo país.

Não obstante tais desafios, o governo brasileiro e as empresas de defesa do país podem buscar novas oportunidades de negócio neste cenário de acirramento da competição internacional no setor. Para isso, deverão fazer uso tanto de parcerias estratégicas e compartilhamento de competências com empresas de outros países quanto do revigorado poder de compra do Estado brasileiro, que sinaliza a disposição de privilegiar o conteúdo nacional em suas futuras aquisições. As vantagens esperadas para o Brasil nas novas licitações para compras de armamentos não se limitam à redução de preços, mas também envolvem maior poder de barganha na negociação de acordos de *offset*, beneficiando as Forças Armadas e as empresas nacionais do setor. Uma vez que o *catching up* tecnológico constitui elemento essencial na busca dos países pela redução de suas assimetrias em relação às grandes potências, a redução dos gastos militares mundiais no bojo da crise dos países desenvolvidos pode configurar uma oportunidade ímpar para um reposicionamento vantajoso do Brasil e de outras potências emergentes no cenário internacional.

REFERÊNCIAS

- ABDI – AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **Estudos setoriais de inovação:** indústria aeronáutica. Belo Horizonte, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.abdi.com.br/Estudo/Ind%C3%BAstria%20Aeron%C3%A1utica.pdf>>.
- BABINGTON, D. Finmeccanica eyes Brazil contracts, recovery signs. **Reuters**, Rome, 30 Apr. 2010. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2010/04/30/finmeccanica-idUSLDE63T0LV20100430>>.
- BLOOMBERG. Fiscal Cliff. **Bloomberg Brief**. New York, 25 Sept. 2012. Disponível em: <<http://www.bloombergbriefs.com/files/2012-9-25-Fiscal-Cliff-Special-Issue.pdf>>.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Política nacional de defesa**. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/pnd.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2012a.
- _____. **Estratégia nacional de defesa**. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2012b.
- _____. **Livro branco de defesa nacional**. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2012c.
- _____. **Brasil e Itália reforçam cooperação em defesa e destacam programas prioritários**. Brasília, 26 jun. 2012d. Disponível em: <http://www.undp.org/thenewpublicfinance/casestudies/ccs_germany.pdf>.
- CADALANU, G. Caccia, portaerei e organici record ora la parola d'ordine è “tagliare”. **La Repubblica**, Roma, 2 genn. 2012. Disponível em: <http://www.repubblica.it/politica/2012/01/02/news/spese_difesa-27483358/index.html?ref=search>.
- CLARK, N. Germany said to cancel billions in military plane orders. **The New York Times**, Paris, 20 Oct. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/10/21/business/global/germany-said-to-cancel-billions-in-military-plane-orders.html?_r=1>.
- CORDESMAN, A. H. **Defense budget cuts and non-traditional threats to US strategy: an update**. Washington, 15 Nov. 2011. Disponível em: <http://csis.org/files/publication/111511_Defense_Resources_Threats.pdf>.
- DEFENSE INDUSTRY DAILY. **France's Rafale Fighters: au courant in time?** Thetford Center, Vermont, 3 Mar. 2013. Disponível em: <<http://www.defenseindustrydaily.com/frances-rafale-fighters-au-courant-in-time-05991>>.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of Defense. **Overview** – FY 2013 defense budget. Washington, D.C., 2012. Disponível em: <http://comptroller.defense.gov/defbudget/fy2013/FY2013_Budget_Request_Overview_Book.pdf>.

_____. Department of the Navy. **Fiscal year (FY) 2012: budget estimates**. Washington, Feb. 2011. Chapter 5. Disponível em: <http://www.finance.hq.navy.mil/FMB/12pres/APN_BA1-4_BOOK.pdf>. Acesso em: 1 maio 2011.

FAS – FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS. **Military analysis network**: Su-30 (Su-27P); Su-32; Su-33 (Su-27K); Su-34 (Su-27IB); Su-35 (Su-27M); Su-37. Washington, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fas.org/man/dod-101/sys/ac/row/su-30.htm>>.

FINMECCANICA. **Brazil and Finmeccanica: global players**. Rome, May 2011. Disponível em: <http://www.finmeccanica.it/EN/Common/files/Corporate/Le_Bourget_2011/Press_Kit/Finmeccanica_in_Brazil.pdf>.

FLANAGAN, S. J. **A diminishing transatlantic partnership?** The impact of the financial crisis on European defense and foreign assistance capabilities. Washington, D.C., May 2011. Disponível em: <http://csis.org/files/publication/110427_Flanagan_FinancialCrisis_web.pdf>.

FRANCO, E. Em busca de uma cara. **Isto é dinheiro**, Farnborough, Reino Unido, 30 jul. 2010. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/29916_EM+BUSCA+DE+UMA+CARA>.

GAIANI, G. Di Paola presenta una riforma della difesa scontata ma poco dettagliata. **Analisi difesa**, San Giovanni in Persiceto, Italia, anno 13, n. 125, febr. 2012a. Disponível em: <http://cca.analisdifesa.it/it/magazine_8034243544/numero125/article_361473400546612418321824062686_2683573816_0.jsp>.

_____. L'usato garantito della Marina italiana attira clienti da Sudamerica e Asia. **Il sole 24 ore**, Milano, 4 giugno 2012. Disponível em: <<http://www.ilsole24ore.com/art/notizie/2012-06-04/lusato-garantito-marina-italiana-072951.shtml?uuid=Ab8QxymF>>.

GRAVELLE, J. G. The “fiscal Cliff”: macroeconomic consequences of tax increases and spending cuts. Congressional Research Service, **CRS Report for Congress**. Washington, 10 Oct. 2012.

GREGORY, P. R. Know thine enemy: China and Obama's defense cuts. **Forbes**, New York, 8 Jan. 2012. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/paulroderickgregory/2012/01/08/know-thine-enemy-china-and-obamas-defense-cuts>>.

HORNBY, L. China air force woos allies with J-10 fighter jet. **Reuters**, China, 13 Apr. 2010. Disponível em: <<http://in.reuters.com/article/2010/04/13/idINIndia-47657420100413?pageNumber=1&virtualBrandChannel=0>>.

JANE'S. **Sentinel security assessment** – Western Europe. Jane's Military and Security Assessments Intelligence Centre, 12 Mar. 2012a.

_____. **Jane's Defence Budgets (2009-2016)**. London, 2012b.

KULL, S. *et al.* **Consulting the American people on national defense spending [A study by the program for public consultation, in collaboration with the Stimson Center and the Center for Public Integrity]**. College Park, Maryland, 10 May. 2012. Disponível em: <http://www.stimson.org/images/uploads/research-pdfs/DefenseBudget_May12_rpt1.pdf>.

LAGANE, G. Budget de la défense: cette assurance vie pour la France qu'il faut absolument préserver. **Atlantico**, Paris, 8 June. 2012. Disponível em: <<http://www.atlantico.fr/decryptage/budget-defense-cette-assurance-vie-pour-france-qu-faut-absolument-preserver-guillaume-lagane-383822.html>>.

- LEVINE, J. The big engine that couldn't. **Forbes magazine**, New York, 25 Feb. 2008. Disponível em: <<http://www.forbes.com/forbes/2008/0225/082.html>>.
- LITVAN, L. Defense cuts of \$500 billion vex officials as ax nears. **Bloomberg**, New York, 2 July. 2012. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2012-07-02/defense-cuts-of-500-billion-vex-officials-as-budget-ax-nears.html>>.
- LUCE, E. The mirage of Obama's defence cuts. **The financial times**, London, 30 Jan. 2012. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/ed684ca2-4830-11e1-b1b4-00144feabdc0.html#axzz22Vppatto>>.
- MÖLLING, C.; BRUNE, S. C. The impact of the financial crisis to European defence. European Parliament's Subcommittee on Security and Defence: Directorate-General for External Policies, **Policy Department Study**. Brussels, 23 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/document/activities/cont/201106/20110623ATT22404/20110623ATT22404EN.pdf>>.
- NELSON, R.; *et al.* The Eurozone crisis: overview and issues for Congress. Congressional Research Service, **CRS Report for Congress**. Washington, 26 Sept. 2012. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/row/R42377.pdf>>.
- O'DONNELL, C. M. (Ed.) *et al.* The implications of military spending cuts for NATO's largest members. Center on the United States and Europe at Brookings, **Analysis Paper**, July. 2012. Disponível em: <http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Papers/2012/7/military%20spending%20nato%20odonnell/military%20spending%20nato%20odonnell%20pdf.pdf?_lang=en>.
- PANETTA, L. **Leon Panetta**: the US rebalance towards the Asia-Pacific. First Plenary Session of the IISS Shangri-La Dialogue. Singapore, 1 July 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=o318z-54rHTU>>.
- POCOCK, C. UK accepts F-35 as new nations commit to production. **AIN online**, Washington, 27 July 2012. Disponível em: <<http://www.ainonline.com/aviation-news/ain-defense-perspective/2012-07-27/uk-accepts-f-35-new-nations-commit-production>>.
- RASMUSSEN, A. F. **Building security in an age of austerity**. Munich, 4 Feb. 2011. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natolive/opinions_70400.htm>.
- RAYMENT, S. Ministry of Defence faces £2 billion more cuts. **The telegraph**, London, 21 Jan. 2012. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/defence/9029791/Ministry-of-Defence-faces-2-billion-more-cuts.html>>.
- REUTERS. China could build a modern military by 2020, says Pentagon. **The guardian**, London, 25 Aug. 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/aug/25/china-modern-military-2020-pentagon>>.
- RFI. France: les chantiers économiques de François Hollande. **RFI**, Paris, 16 mai 2012. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/france/20120516-chantiers-economiques-francois-hollande>>.
- SHALAL-ESA, A. U.S. defense cut could cost billions to implement. **Reuters**, Washington, 27 June 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/06/27/us-pentagon-budget-impact-idUSBRE85Q1PV20120627>>.
- SILVA FILHO, E. B.; MORAES, R. F. **Dos “dividendos da paz” à guerra contra o terror**: gastos militares mundiais nas duas décadas após o fim da guerra fria – 1991-2009. Rio de Janeiro: Ipea, jul. 2012 (Texto para Discussão). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1754.pdf>.
- SIMON, Y. **Prospects for the French fighter industry in a Post-Cold War environment: is the future more than a mirage?** 1993. 332 f. Dissertation (Doctoral) – RAND Graduate School, Santa Monica, United

States of America, 1993. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/rgs_dissertations/2006/RGSD106.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2011.

SIPRI – STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Military expenditure database**, 2012. Disponível em: <<http://milexdata.sipri.org/files/?file=SIPRI+milex+data+1988-2011.xls>>.

STEINHOFF, D. **Determinants and politics of German military transformation in the post-cold war era**. 2011. Tese (Mestrado) – Naval Postgraduate School, Monterrey, California, 2011.

TRAN, P. Buy now, save a bundle on the F-35. **Defense news**, Springfield, 15 July 2008. Disponível em: <http://www.defensenews.com/osd_story.php?sh=VSDF&i=3627265>.

UNITED KINGDOM. House of commons. **Ministry of defence: managing change in the defence workforce**. Committee of Public Accounts, 88^o Report of Session 2010-2012, 25 May 2012. Disponível em: <<http://www.parliament.uk/documents/TSO-PDF/committee-reports/1905.pdf>>.

_____. Ministry of defence. **Securing Britain in an age of uncertainty: the strategic defence and security review**. London, Oct. 2010a. Disponível em: <<http://www.direct.gov.uk/sdsr>>.

_____. **United Kingdom defence statistics 2010**. London, 29 Sept. 2010b. Disponível em: <<http://www.dasa.mod.uk/modintranet/UKDS/UKDS2010/pdf/UKDS2010.pdf>>.

WEITZ, R. Transatlantic defense troubles. **Strategic insights**, v. 10, n. 3, p. 52-66, 2011. Disponível em: <http://www.hudson.org/files/publications/SI-v10-i3_pg52-66_Weitz.pdf>.